INSIGHT

# CARIOQUICE

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL . ANO IX . N:35 . OUT/NOV/DEZ 2012
ISS 1981-6049

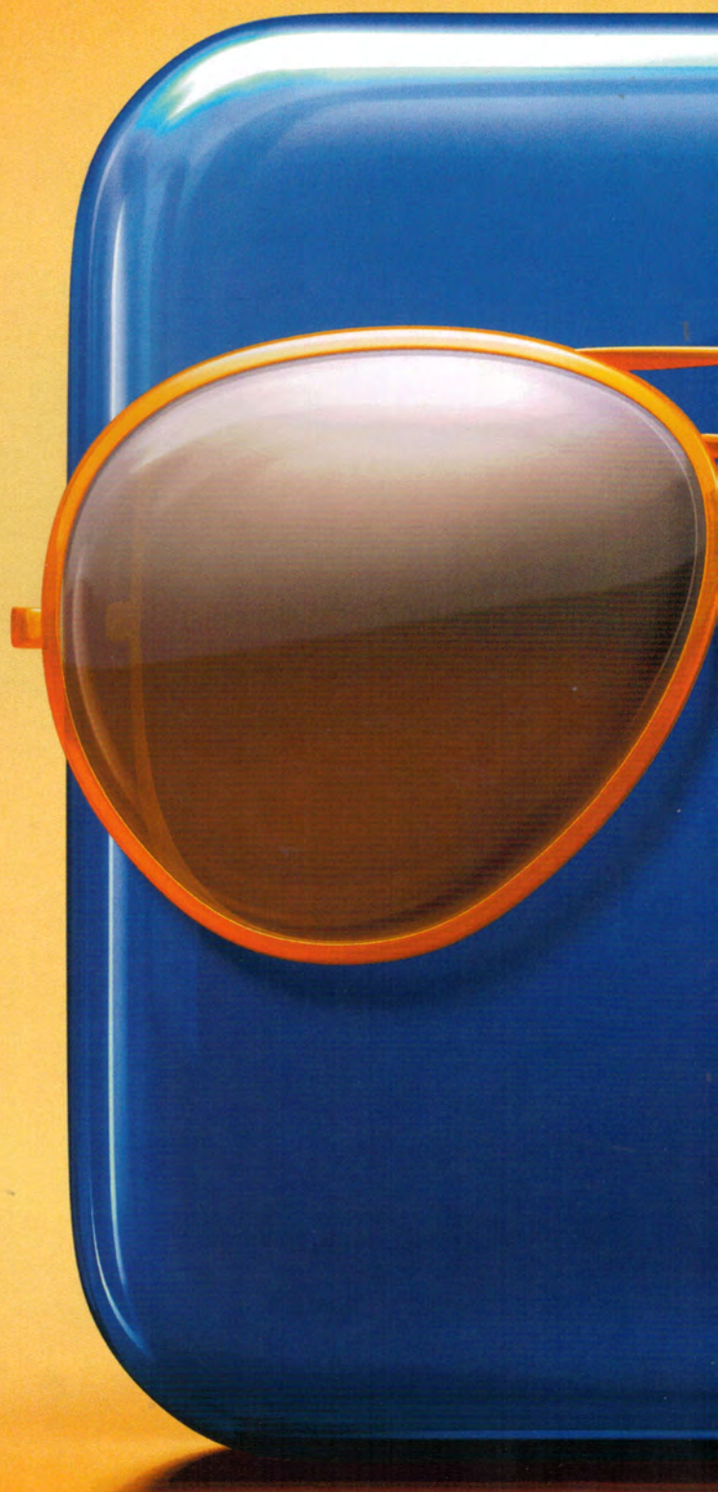
APUD CHICO BUARQUE DE HOLLANDA

ZÉ CARIOCA - 70 ANOS

## PALMAS PARA O MALANDRO

# O Itaú foi eleito o banco dos cariocas. Adivinha como a gente vai comemorar_

**Itaú. Eleito a "Marca dos Cariocas" na categoria bancos, pelo 3º ano consecutivo_:-)**



AFRICA
Pesquisa "Marcas dos Cariocas"- Grupo Troiano para o jornal O Globo.
Itaú. Feito para você.
Itaú

# SUMÁRIO

## CARIOQUICE

Nº 35 OUTUBRO/NOVEMBRO/DEZEMBRO DE 2012
ISS 1981-6049


### É som, é sal, é mar

6 Alô, broto!

10 A preferida e ponto final

### Saga Carioca

16 Louro Rei da Riolândia!

### Do bem comer e melhor beber

22 Coalhada, jerimum e cia.

### Magia do Olhar

28 Sem lenço e sem documento

### Causos & Letras

36 O tatu na toca da Semana de 22

42 Arnaldo virou manchete

### Cidade Maravilhosa

48 Para bagunçar o coreto

### Embaixador do Rio

56 O dono da bola
Por Marcio Fortes de Almeida


FSC
www.fsc.org
MISTO
Papel produzido a partir de fontes responsáveis
FSC® C101770

# EXPEDIENTE

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTER
Kelly Nascimento
Mônica Sinelli

DESIGNERS
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
Cecilia Mattos Setubal
Denise Scofano Moura

CAPA
Renato Canini

IMPRESSÃO
Walprint

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Alfredo Marques Viana
- Ancelmo Gois
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cicero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Daniel De Pla
- Eva Mariani
- Francis Hime
- Francisco Horta
- Henrique Luz
- Humberto Eustaquio Mota
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- Jerson Lima
- João Mauricio de Araujo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Joel Nascimento (do bandolim)
- Jomar Pereira da Silva
- José Louzeiro
- José Viegas Filho
- Julio Bueno
- Julio Lopes
- Lan
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luis Fernandes
- Luiz Alfredo Salomão
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Antonio Guarana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Malvina Tuttman
- Marcelo Carnaval
- Marcilio Marques Moreira
- Marco Polo Moreira Leite
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mario Priolli
- Martinho da Vila
- Nelida Pinon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octavio Melo Alvarenga ✝
- Olivia Hime
- Oscar Niemeyer ✝
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Menezes Direito
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães ✝
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Ruy Garcia Marques
- Tito Ryff
- Verônica Dantas
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua do Mercado 11 / 12º andar
Cep 20010-120 - Tel: (21) 2509.5399 - Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Bela Cintra 746 / con.71 - Consolação
Cep 04571-090 - Tel/Fax: (11) 3284-6147
email: insightsp@insightnet.com.br
www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)
Av. São Sebastião, 2 Cobertura - Urca
Cep 22291-070 - Rio de Janeiro, RJ - Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br
www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

LODUCCA

# Cerveja é para todo mundo, só não é para menor de 18 anos.

A Ambev sempre apoiou o consumo responsável e agora ele é nossa marca registrada. E o +ID é o ícone dessa campanha. Onde você enxergar essa marca significa que ali tem um produto ou estabelecimento que exige o documento de identidade na compra de bebidas alcoólicas. Faça a sua parte, mostre sua identidade. Ela é a garantia do cumprimento da lei e de estar agindo com responsabilidade. **Consumo responsável. Essa é a nossa marca registrada.**

ambev +ID

Feita por gente e sonhos

BIDA ALCOÓLICA É PROIBIDA PARA MENOR DE 18 ANOS.

# as cantoras do rádio

Esquina do Ricardo

Quem não se lembra das divas que encantaram gerações de brasileiros através das ondas do rádio dos anos 30 aos 70 do século que passou?

Estrelas do porte de Carmem Miranda, Aracy de Almeida, irmãs Baptista, de Dalva de Oliveira, Ângela Maria, ou Marlene e Emilinha, ainda se alojam e ficarão para sempre no mais fundo da memória coletiva do país. Há exatos 15 anos, revivi um grupo dessas cantoras em espetáculo de surpreendente sucesso popular no Rio e em todo o Brasil, intitulado "Cantoras do Rádio — Estão voltando as flores".

As cantoras então convidadas, Carmélia Alves (recém-falecida no Retiro dos Artistas), Carminha Mascarenhas (não mais entre nós), Violeta Cavalcanti (retirada de cena) e Ellen de Lima (felizmente muito bem), provocaram tanta repercussão que o show acabou por virar belo filme longa-metragem há poucos anos. Documentário que correu o território nacional quase de ponta à ponta.

Cabe verter — e o faço com emoção — uma lágrima de saudade por Carmélia Alves, a líder da última formação do grupo "As Cantoras do Rádio", que organizei em 2001 e que foi montado em várias praças do Brasil. A cantora — que acaba de nos deixar, às vésperas de completar 90 anos — foi a mais famosa intérprete dos ritmos nordestinos a partir dos anos 1950.

Mas onde terá nascido Carmélia, em Pernambuco ou no Ceará, já que levou os ritmos do Norte/Nordeste do país a tamanha consequência? Aqui mesmo no Rio; para ser preciso, em Bangu, onde ouvia os repentistas de cordel na casa dos pais, em plena década de 1930. A menina espevitada do subúrbio logo se faria cantora, entrando para o rádio pela porta mais democrática, os programas de calouros da Rádio Nacional.

Carmélia ganhou o título de Rainha do Baião do próprio Luiz Gonzaga, cujo centenário se comemora justamente agora. Por uma dessas extraordinárias coincidências do destino, Carmélia morre no auge das celebrações do seu maior amigo e admirador, o fabuloso Gonzagão, cujos 100 anos ocorrem neste 13 de dezembro.

Agora, o grupo "Cantoras do Rádio" voltou à cena com outra formação e outro espetáculo, incluindo somente divas dos anos 1950: Dóris Monteiro, Lana Bittencourt, Ellen de Lima, Adelaide Chiozzo e Sônia Delfino. Exibindo-se inicialmente no Teatro Raimundo Magalhães Júnior, da Academia de Brasileira de Letras, as cantoras do rádio foram aplaudidas de pé: foi uma sutil mas calorosa mensagem do público presente que lotou a sala e que parecia dizer a elas que, sim, são as cantoras de sempre; que, sim, são muito bem-vindas, depois dos 70, ostentando graça, brilho e, sobretudo, profusos retratos sonoros que estão no coração de cada brasileiro que preze sua identidade cultural.

O que é bom, o tempo não muda...
Nas Lojas Bob's Original, você pode saborear todos sanduíches e sobremesas que marcaram época ou escolher os que você já conhece.

**Loja Bob's Original Domingos Ferreira**
Rua Domingos Ferreira, 236 - Loja A e B
Copacabana

**Loja Bob's Original Garcia D`Ávila**
Rua Visconde de Pirajá, 463 A
Ipanema

# Alô, broto!

por Cleyber Filtelman

**Broto, segundo o dicionário Aulete Digital, é o conjunto de pequenas folhas que nascem nas hastes de um vegetal em fase de crescimento. Muito formal, né! É ainda um eufemismo para algo jovem, vigoroso, com frescor e viço. Broto virou sinônimo de Sonia Delfino, verbete do Dicionário Cravo Albin e que é, também, gracinha, moça bonita, gatinha. Quem viu Sonia cantando no Clube do Guri e perfilando na Jovem Guarda, sabe que esta sopa de letras traduz a absoluta verdade. Vai, Sonia, fala pra nós, eternamente: "Alô, Brotos".**

Sonia Delfino, seu nome artístico, começou a carreira aos nove anos no Clube do Guri, famoso programa da Rádio Tupi, da década de 1950, que antes se chamava Gurilândia. Precursora também dos programas de televisão relacionados à música, como o "Alô Brotos", da extinta TV Tupi, que apresentava junto com o cantor Sérgio Murilo, no horário nobre, antes do famoso "Repórter Esso". Foram 16 anos de contrato com a emissora de TV como cantora e apresentadora. "Depois de uma breve passagem pelo rock, foi muito importante eu ter me realinhado com a música brasileira. E a prova disso foi ter recebido o prêmio de melhor cantora de 1960 das mãos do então governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda", relembra com saudades Sonia Delfino.

Ela começou no rock lançada pela Gravadora Philips, que queria concorrer com a cantora Celly Campelo, que já fazia grande sucesso a partir de São Paulo. Tudo isso antes do surgimento da Jovem Guarda, segmento em que marcou presença marcante com a música Bolinha de Sabão, gravada desde então por muitos outros cantores.

Com a chegada, paralelamente, da Bossa Nova e a consagração de João Gilberto, muitos cantores partiram para esse ritmo. Não foi diferente com Sonia Delfino, das primeiras a gravar a famosa música *O barquinho*, de Menescal e Bôscoli. Sonia se envolveu com a música desde muito cedo. A menina já participava aos oito anos de programas radiofônicos infantis. "Eu

nasci no meio musical. A música sempre fez parte da minha vida, pois sou sobrinha da cantora Ademilde Fonseca, a "rainha do chorinho". Cresci ouvindo Valdir Azevedo e Pixinguinha, entre outros, e gravei meu primeiro disco aos 13 anos", recorda a cantora com perceptível emoção no olhar.

No entanto, ela mesma lembra que nem sempre ter parente famoso é certeza de se conseguirem as coisas com facilidade: "Na história da música brasileira sempre existirão histórias curiosas que em muitos casos ainda não foram contadas por falta de oportunidade. Comigo, por exemplo, aconteceu uma realmente inesquecível. Eu estava com 18 anos, já bem conhecida no meio artístico e com um público que já me conhecia. E para me dar mais força ainda, minha tia Ademilde Fonseca me chamou para uma apresentação num circo onde ela também cantaria. Pois era comum naquela época os artistas famosos também se apresentarem nesse tipo de evento, além dos programas de auditório. O susto foi grande com o que aconteceu naquele dia, depois que o apresentador anunciou enfaticamente que 'por motivo de um problema na garganta, o cantor Nelson Gonçalves não poderá comparecer e por isso convidamos para substituí-lo a cantora Sonia Delfino'. A vaia foi geral. O ambiente se tornou constrangedor por alguns segundos. No entanto, tia Ademilde mais uma vez não me deixou fraquejar e me empurrou para o meio do picadeiro do circo, meu primeiro desafio nesse tipo de palco e de público. Por alguns segundos hesitei sim. Passados alguns minutos, a plateia já estava mais calma e cantando junto comigo. Consegui transformar as vaias iniciais em aplausos efusivos, graças a Deus. Eu entendi a revolta inicial do público porque sabia da dimensão artística e popular do Nelson Gonçalves na época. Mas cumpri o papel que cabe a um cantor: cantar e alegrar as pessoas. E acho que me saí muito bem."

Em 1970, Sonia Delfino casou-se com um diplomata e passou a morar no exterior, fato que provocou seu afastamento da carreira artística. No retorno ao Brasil, na década de 1980, voltou a cantar e reunir antigos admiradores em locais famosos, como o Vinicius Bar, Rio Jazz Club e Mistura Fina. Hoje, além de fazer shows, inclusive integrando o grupo Cantoras do Rádio, Sonia Delfino, que também é advogada, dedica parte de seu tempo à Sociedade Brasileira de Administração e Proteção dos Direitos Intelectuais (Socinpro), onde faz parte do Conselho Deliberativo e cuida da Coordenação de Assistência Social, que beneficia de várias formas artistas que já encantaram gerações. "Antes que me pergunte, não pretendo parar de cantar tão cedo", antecipa-se, concluindo, como que dando um ponto final sem perder o tom.

**"Eu nasci no meio musical. A música sempre fez parte da minha vida, pois sou sobrinha da cantora Ademilde Fonseca, a "rainha do chorinho"**

# a preferida e ponto final

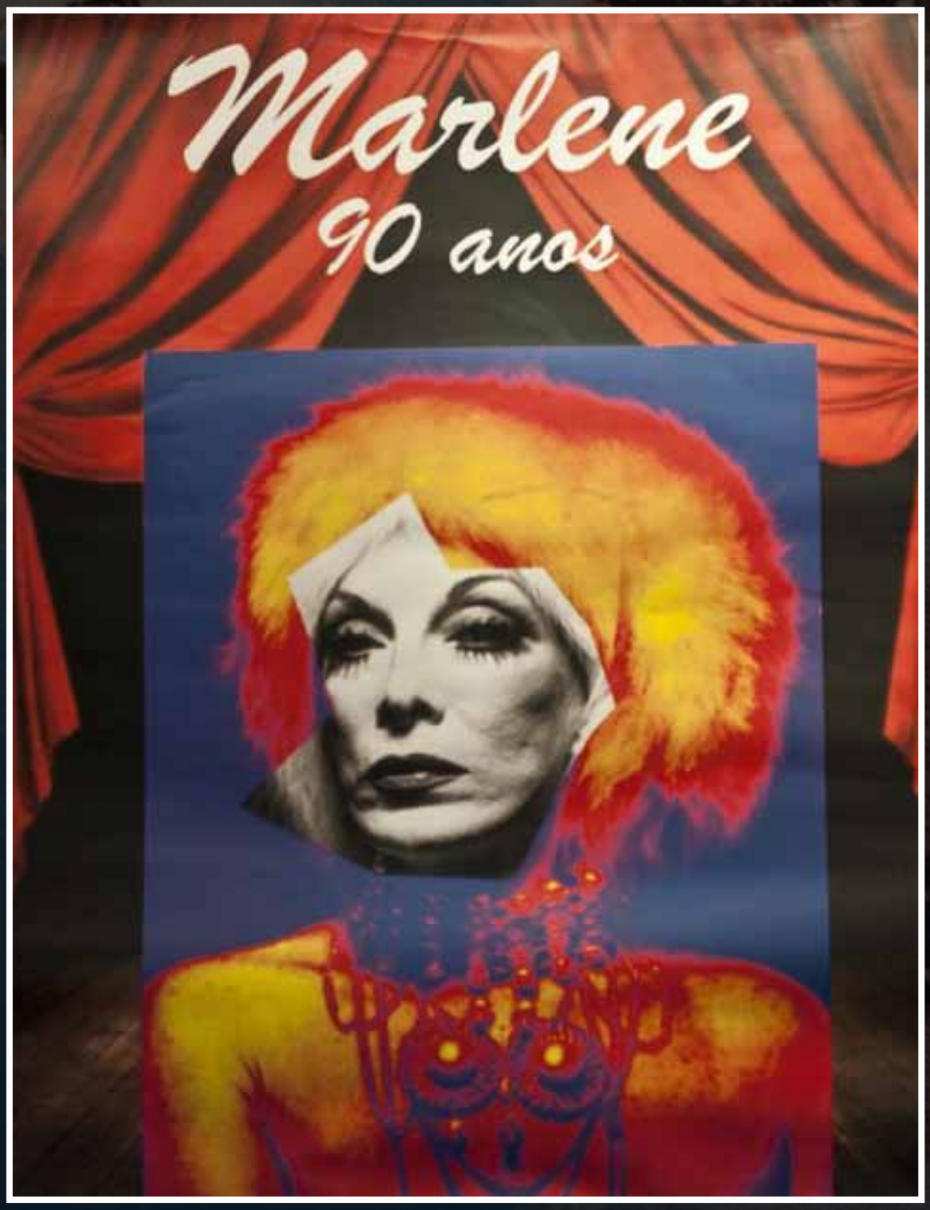
por Kelly Nascimento

**Marlene é nossa! É a primeira e única. Ene, ene, ene. Marlene! Marlene! Marlene! Nós, do fã-clube dessa radiante, temos o orgulho de vê-la estrear o projeto "Memória MPB: Show e Exposição". Trata-se de uma ideia do Instituto Cultural Cravo Albin para homenagear grandes nomes da música brasileira e que foi encampada pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio. A primeira edição, patrocinada pela Prefeitura do Rio, já entrou para a história: a homenageada, enfim, revelou sua idade: 90 anos. Sempre uma menina, nossa menina!**

A proposta é simples: celebrar grandes nomes de nosso cancioneiro com shows e exposições temáticas. A casa, para lá de convidativa: o ICCA. E o apoio da Secretaria de Cultura da Cidade do Rio conseguiu tirar o projeto do papel. "Essa parceria, conquistamos num edital público realizado pela Secretaria no começo do segundo semestre de 2012. Prevê a realização de shows acompanhando exposições", explica o fundador do ICCA, Ricardo Cravo Albin.

As honrarias começaram em novembro, com a lendária Marlene. A exposição "Marlene – 90 anos de glórias" festejou as nove décadas da cantora, coroada por um show remissivo, com o grupo As Cantoras do Rádio apresentando o repertório da rainha do rádio.

O espetáculo que abriu a mostra contou com a participação de Ellen de Lima, Sonia Delfino


Marlene
90 anos

## Conheça a trajetória de Marlene

Nascida Vitória Bonaiutti De Martino, a cantora estreou nos palcos aos 13 anos de idade, apresentando-se no programa "Hora do estudante", na Rádio Bandeirantes de São Paulo. Em 1940, estreou profissionalmente na Rádio Tupi. Nessa ocasião, adotou o nome artístico de Marlene, em homenagem à atriz alemã Marlene Dietrich. Nesse mesmo ano, mudou-se para o Rio de Janeiro e passou a atuar no Cassino da Urca e na Rádio Globo. Atuou em seguida na Rádio Mayrink Veiga, e no Cassino Icaraí, em Niterói.

Atuou também como *crooner* do Golden Room do Hotel Copacabana Palace, onde permaneceu por longa temporada e tornou-se a estrela principal. Em 1944, atuou no filme *Corações sem piloto*, de Luís de Barros. No ano seguinte, participou de *Pif-paf*, filme de Ademar Gonzaga e Luís de Barros. Em 1946, estreou em disco, pela gravadora Odeon, cantando com acompanhamento do conjunto Brazilian Serenaders, dirigido por Carlos Machado, o samba-choro *Swing no Morro*, de Amado Régis e Felisberto Martins, e o samba *Ginga, ginga, moreno*, de João de Deus e H. Nascimento.

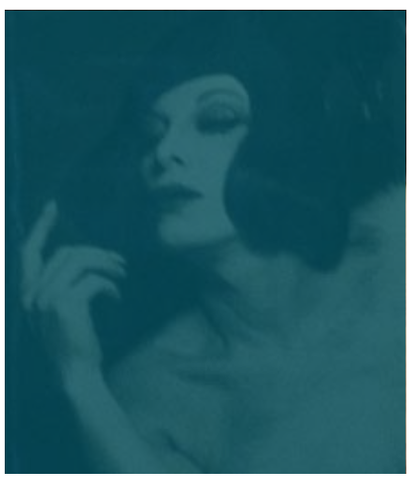
Em 1949, gravou com Emilinha Borba, o samba *Eu já vi tudo*, de Peterpan e Amadeu Veloso, e a marcha *Casca de arroz*, de Arlindo Marques Júnior e Roberto Roberti, desfazendo os rumores da suposta inimizade entre as duas cantoras. Nesse ano, foi eleita *Rainha do Rádio*, em concurso promovido pela Associação Brasileira de Rádio ABR. Com o prestígio do título, ganhou um programa só seu na Rádio Nacional, intitulado "Duas majestades", e um novo horário no "Programa Manuel Barcelos", no qual permaneceu como estrela até o fechamento da Rádio Nacional.

Um dos maiores mitos do rádio brasileiro em sua época de ouro, Marlene participou da gravação de mais 100 álbuns e já gravou mais de 4 mil canções.

**A exposição em homenagem à Marlene teve a colaboração da Associação Marlenista do Rio de Janeiro (AMAR). A organização, integrada por admiradores e fãs da cantora, iniciou suas atividades em 1986 com produção exclusiva dedicada à artista**

e Doris Monteiro. As duas últimas substituem Carmélia Alves e Carminha Mascarenhas, que integravam a formação anterior do grupo. O conjunto surgiu em 1987, formado por veteranas da era de ouro do rádio no Brasil. O nome do grupo foi sugerido pelo ator Érico de Freitas, então diretor da Sala Funart Sidney Miller, quando o grupo original fez seu primeiro espetáculo, como se fosse um programa de auditório dos anos 1950. Dirigidas por Ricardo Cravo Albin a partir de 2001 em suas várias formações, as Cantoras do Rádio lançaram três discos, com grandes sucessos de cada uma de suas integrantes, sendo lançados em várias cidades brasileiras. "As três cantaram exclusivamente o fino do fino do repertório de Marlene, incluindo músicas reconhecidas como clássicos da MPB, criadas pela rainha do rádio: *Lata d'água*, *Mora*

Claudia Nunes ao piano



*na filosofia*, entre outras", pontua Ricardo.

A exposição em homenagem a Marlene teve o auxílio luxuoso da Associação Marlenista do Rio de Janeiro (AMAR). A organização, integrada por admiradores e fãs da cantora, iniciou suas atividades em 1986 com produção exclusiva dedicada à artista. "Fico impressionado com o respeito e amor que os admiradores de Marlene devotam a ela! Não fossem eles, esse acervo jamais poderia ser reunido. A memorabília, entre outras maravilhas, inclui todas as coroas que Marlene recebeu, inclusive a coroa original, acompanhada da faixa, de rainha do rádio de 1949, fotografias cobrindo 60 anos de atividades da estrela, além de objetos pessoais, como carteira de identidade e óculos. O camarim foi reconstituído."

Um dos pontos altos da exposição é a coleção de vestidos, pela primeira vez exibidos em mostra pública. Cezar Sepúlveda, curador da exposição e diretor da AMAR, selecionou vestidos de espetá-

Doris Monteiro, Sonia Delfino, Ellen de Lima e Ricardo Cravo Albin

culos clássicos da cantora todos arrumados numa arara circular muito original na exposição. Entre eles está o vestido que Marlene usou no famoso Olympia de Paris quando ali fez temporada, a convite de sua colega Edith Piaf. Esse vestido está numa curiosa caixa de presente e foi confeccionado por Colette Coquatrix, esposa do dono do Olympia, Bruno Coquatrix. "Marlene é iluminada pelo talento, e talento é eterno", derrama-se Sepúlveda.

O evento reuniu 110 pessoas, que contemplaram a exposição e também assistiram ao show. "Não faltaram aplausos e gritos de 'é a maior' para Marlene, que tudo acompanhava, por meio de relato de fãs de sua residência, de onde ela não sai", recorda Ricardo, ressaltando as presenças das bolsistas da Faperj Cristiane e Maria Cristina.

Pequeno detalhe curioso é que, finalmente, a idade da Marlene é confessada. "No próprio Dicionário Cravo Albin estava 1924, agora ela confessou que nasceu em 1922. Esse é um segredo de polichinelo revelado pela exposição", observa o fundador do ICCA.

Os próximos homenageados pelo projeto "Memória MPB: Show e Exposição" serão Luiz Gonzaga, em celebração de 100 anos de nascimento; Walter Alfaiate; Ciro Monteiro; e o produtor francês André Midani. "Esse edital público conquistado pela titularidade do ICCA muito nos orgulha. Para sermos aprovados, o Instituto foi sabatinado por uma banca rigorosíssima, da própria Secretaria Municipal de Cultura", comemora Ricardo.

# Louro rei da Riolândia!

por **Mônica Sinelli**

**Malandro, trambiqueiro, preguiçoso, cascateiro, mulherengo, fumante, caloteiro. Adjetivos pouco enobrecedores não faltariam para enquadrar o personagem concebido como encarnação do brasileiro e sintetizado num arquétipo carioca, reproduzido até no seu sobrenome. Mas vamos dar o devido desconto: a figura é carismática toda a vida. E vai longe a trajetória do papagaio que ainda hoje habita o imaginário popular e esbanja 70 anos de simpatia. Fala, Zé, qual é a boa?**

Agosto de 1941. Em plena Segunda Guerra, Walt Disney desembarcou no Aeroporto Santos Dumont, imbuído de uma missão diplomática: dar, literalmente, uma mãozinha ao rolo compressor estratégico de alinhamento político-econômico dos EUA com a América Latina, em particular Brasil, Argentina e México. Como Getúlio Vargas se inclinasse para o Eixo nazifacista, na contramão dos Aliados, Franklin Roosevelt decidira, para amplificar o poderio financeiro e a influência ideológica de Tio Sam, apelar para uma arma irresistível — o fascínio exercido pelo universo hollywoodiano. Urgia insuflar a propaganda de produtos made in USA por estas plagas, como forma de contrabalançar a suspensão do consumo pelo mercado europeu.

A operação abrangia uma viagem de 15 dias de Walt Disney — com seus Estúdios em fase de abalo por causa do conflito mundial — ao Rio, no intuito de angariar a simpatia do povo brasileiro. A verdade é que o megadiretor e produtor cinematográfico andava muito mal na fita do circuito interno. Anticomunista ferrenho, além da crise financeira pela perda do faturamento no exterior, se via atolado até o pescoço em litígios sindicais, por personificar um misto de Tio Patinhas e Cruela Cruel para seus empregados. Nessa turbulência de cenário, deixou o sucesso retumbante de *Branca de Neve e os sete anões* (1937) e de *Pinóquio* (1940) para trás e pisou na Cidade Maravilhosa com sua mulher, Lilian, e uma entourage de 18 pessoas, incluindo seus principais desenhistas e

Fernando Ventura

animadores. Todos a empunhar a bandeira da Política da Boa Vizinhança de Roosevelt.

### nasce uma estrela de penas

A estada atraiu os flashes da imprensa nacional e estrangeira, revertendo em poses do agente artístico do imperialismo ao lado do ditador Gegê. Enquanto isso, a comitiva conhecia o Corcovado, o Pão de Açúcar e outros cartões-postais, que inspiraram uma série de estudos artísticos em torno da paisagem, da população e da fauna. Foi assim que a trupe recebeu dicas acerca de animais com *physique du rôle* para atuar nas produções Disney. Num evento sobre a cinematografia interamericana no Hotel Glória, o criador de *Fantasia* (1940) tomou ciência da importância do papagaio no imaginário do país tropical. Pronto: nascia, pelas mãos do mago do entretenimento, hospedado no Copacabana Palace, mais um nosso compatrício, batizado de Zé Carioca, que se tornaria o único personagem tupiniquim gestado pelos Estúdios Disney.

Se a origem do corpinho parece bem fundamentada, a do estilo é controversa, tudo meio na base do condicional. Seu pai "teria" copiado os trejeitos e a ginga de Paulo Portela, passista que conhecera em visita à escola de samba de Madureira. Um certo Dr. Jacarandá, clássico tipo da boêmia carioca à época, também "haveria" emprestado paletó, gravata borboleta, chapéu de palha e guarda-chuva à guisa de bengala e charuto à composição do look. Ao mesmo tempo, o traço do cartunista J. Carlos (que presenteara Disney com o desenho de um papagaio abraçando o Pato Donald) "poderia" ter influenciado o delineamento de Zé.

Seja como for, o fato é que, em 1942, o papagaio gente boa, de linhagem cordial como convinha, fez sua estreia no cinema em *Alô, amigos* — com *Aquarela do Brasil*, de Ary Barroso, ufanando a trilha sonora —, no posto de anfitrião de Donald pela terra brasilis (parênteses para lembrar que, naquele ano, Carmen Miranda, já morando em Los Angeles, estava sendo projetada internacionalmente com o filme *Uma noite no Rio*, da 20th Century Fox, a boa vizinha por excelência. E que, em fevereiro, Orson Welles, aclamado por *Cidadão Kane* e também

Desenhos de Renato Canini e roteiros de Ivan Saidenberg

recrutado pela Good Neighbor Policy, aportara no Rio — ciceroneado por Herivelto Martins, diretor musical, e Grande Otelo, integrante do elenco —, a fim de realizar um filme sobre o carnaval, *It's all true*, que acabou nunca sendo lançado).

**Sotaque paulista**

Agora, um detalhe intrigante: sabe quem ajudou a dar alma ao rei da malandragem Zé Carioca? Vá entender: um paulista, mais precisamente, o cavaquinista e violonista de Jundiaí José do Patrocínio Oliveira, o Zezinho (falecido em 1987), que dublou o tagarela no filme. Ele vinha a ser um dos músicos de Carmen e sua irmã Aurora, desde a década de 1930, na Rádio Record do Rio de Janeiro. Em 1942, já integrante do Bando da Lua, o conjunto que acompanhava as duas cantoras, participou de *Alô, amigos*, não só emprestando a voz a Zé (a qual, conforme Boni, ex-diretor da Rede Globo, era a dele mesmo, e não uma interpretação caricatural), como também tocando *Na Baixa do Sapateiro* e *Os Quindins de Iaiá*, de Ary Barroso. Disney declarava que o instrumentista, famoso por não parar quieto nem calado, até nariz de papagaio tinha. E, no estúdio, solicitava-lhe que, de chapéu e guarda-chuva, andasse e rebolasse para que os desenhistas reproduzissem seus movimentos. Ao que Zezinho retrucava: "Mas eu não sei

**Sabe quem ajudou a dar alma ao rei da malandragem Zé Carioca? Vá entender, um paulista!**

Desenhos de Renato Canini e roteiros de Ivan Saidenberg

**Em comemoração aos 70 anos do papagaio boa praça, a Abril acaba de lançar dois almanaques, com as tiras iniciais e aventuras inéditas**

rebolar, sou paulista!". Acima de tudo, a brasilidade está presente em *Alô, amigos* na cena em que o colega de penas ianque é recebido não com um tradicional e seco aperto de mão, mas cumprimentos efusivos: "Ora, venha me dar um abraço, um quebra-costelas, um bem carioca, bem amigo!", gargalha o latino.

Em 1944, o espertalhão protagonizou *Você já foi à Bahia?*, que combinava animação e atores reais. No filme, Zezinho (ou melhor, Joe Carioca, pois, dada a popularidade do papagaio, adotara seu nome) voltou a dublá-lo, tocando também, ao lado de Aurora Miranda, *Aquarela do Brasil*, de Ary, e *Tico-Tico no Fubá*, de Zequinha de Abreu. Em paralelo a essa mixagem dos Estúdios Disney em que a realidade e o ficcional fermentam a edição de uma propaganda subliminar dirigida por Roosevelt e coassinada por Getulio, a ave tornada símbolo do brasileiro imagético — a partir do estereótipo da carioquice maré mansa —, assume novas dimensões.

### modelo tropical

A outros personagens Disney presentes em quadrinhos nos jornais norte-americanos, juntou-se o pássaro camarada Joe Carioca, com desenhos de Bob Grant e Paul Murry e roteiros de Hubie Karp. As tiras por ele estreladas ganharam as folhas brasileiras em 1945, na publicação *O Globo Juvenil*, até conquistar uma revistinha para chamar de sua em 1961, pela Editora Abril. No auge do sucesso, a partir da década de 1970, era ilustrado por Renato Canini, que à passagem do tempo foi repaginando o visual do personagem. O figurino original aos poucos cedeu lugar a modelitos mais apropriados ao casual-moderno-tropical, composto por camisetas de cores vibrantes, bonés e tênis. Os cenários, até então uma filial da próspera Patópolis, também iam incorporando referências tipicamente cariocas, a exemplo de campos de futebol, morros e feijoada. As aventuras se desenrolam na Vila Xurupita, um fictício bairro humilde que abriga as sedes do time Vila Xurupita Futebol Clube, da escola de samba Unidos de Vila Xurupita e da Associação Nacional de Cobradores do Zé Carioca (Anacozeca) — ele mantinha a forma correndo os '400 metros rasos' para fugir dos credores.

Diz Canini, que também atuava como roteirista: "Trabalhei nessas tiras de 1971 a 1976, quando a Disney americana deu um ultimato à Abril para me demitir, alegando que eu estava bagunçando demais e fugindo da proposta original e dos padrões internacionais da matriz. Como esta, à

época, não dava o crédito dos profissionais envolvidos na criação, inventei um modo de provar minha autoria nas publicações. Na casinha do Zé, por exemplo, inseria placas com as marcas Feijão Canini, Arroz Canini, artifícios discretamente colocados no fundo do quadrinho. O mais irônico é que, 30 anos depois, quando a mesma companhia quis homenagear os maiores ilustradores de seus personagens no mundo, com o álbum especial Mestre Disney, venci a enquete dos leitores da Abril como o melhor desenhista brasileiro". Perguntado se, na era do politicamente correto, haveria chance de um tipo nesses moldes — preguiçoso, vagabundo, cascateiro, trambiqueiro, mulherengo, fumante, caloteiro — ser inventado na esfera das HQs, o craque escultor do folgazão carioca (que é gaúcho, mora em Pelotas e nunca pôs os pés no Rio) responde de pronto: "Claro, hoje tá valendo tudo!"

### Edições comemorativas

No final da década de 90, devido à queda nas vendas em todo o setor de quadrinhos, a Abril praticamente fechou sua redação especializada na área Disney, limitando-se a reedições e lançando somente alguns especiais, como Zé Carioca no Descobrimento do Brasil, em razão dos 500 anos da chegada de Cabral. Neste último trimestre, em comemoração ao aniversário do louro setentão, lançou dois almanaques, em que reconstitui sua trajetória de aventuras, ao lado da namorada Rosinha, do sogro ricaço Rocha Vaz, do melhor amigo Nestor, do rival playboy Zé Galo e de seus Huguinho, Zezinho e Luizinho, os sobrinhos Zico e Zeca. O primeiro reúne as tiras iniciais, publicadas em tabloides entre 1942 e 1944.

Fernando Ventura, tradutor e colorista do volume 1, reporta o processo: "A maior parte das matrizes que utilizamos são cópias fotográficas dos originais em preto e branco, feitos a nanquim. Publicou-se um conjunto de 104 páginas naquele período e, para completar a série, precisamos juntar o material de três coleções particulares, localizadas nos EUA, Brasil e Dinamarca. Além do escaneamento e tratamento do material p&b, que, por sua própria natureza, apresentava falhas ou distorções, não existiam matrizes de alguns tabloides. Essas páginas dominicais foram, então, restauradas, digitalmente, direto das páginas impressas do jornal."

Segundo Ventura — também um dos desenhistas-roteiristas das HQs inéditas que compõem o segundo volume do especial de 70 anos —, houve situações devidamente "aliviadas" pelos editores. "Os principais exemplos são as sequências que evidenciam o vício do Zé Carioca por charutos, além de cenas nas quais o papagaio faz dramalhão e ameaça se matar ou paquera uma indiazinha, sem saber que ela é casada. Apesar disso, não esnobamos ou depreciamos essas antigas traduções, que inclusive serviram de base para as novas, em que mantive todas as adaptações e nomes de personagens secundários que melhor transmitiam o espírito do original." O episódio de abertura, *Como almoçar de graça*, já diz tudo sobre o caráter do homenageado.

Após sete décadas de pilantragem do filho de Disney na terra de Vera Cruz, só nos resta fazer coro ao fera do traço Jaguar: "Zé Carioca é um desses gringos que são nossas coisas, são coisas nossas. E que vão de tal forma assimilando nosso jeito de ser que se tornam igualmente brasileiros, como o cartunista italiano Lan, o pintor argentino Caribé e o colecionador romeno Jean Boghici." Mas, ao contrário de Canini, Jaguar decreta: "Hoje, criar uma figura assim seria politicamente inviável. Fora de questão." Palavra do pai do Sig, o ratinho iconoclasta que também era xodó do Rio.

# Coalhada, jirimum e cia.

por Cleyber Fintelman

Rabada com polenta e agrião, coalhada com calda de ameixa e mingau de aveia...Citações gastronômicas que lidas sílaba por sílaba podem até lembrar a letra da música "Linha de Passe", do cantor e compositor mineiro João Bosco: "Toca de tatu, linguiça e paio e boi zebu, rabada com angu, rabo de saia..." São algumas das delícias servidas na quase centenária Leiteria Mineira, fundada no início do século passado, hoje funcionando na rua da Ajuda, no Centro do Rio de Janeiro.

LANCHES
RESTAURANTE

O antigo restaurante surgiu na Galeria Cruzeiro, na parte térrea do prédio do hotel Avenida, inaugurado em 1910, com ares parisienses. A Leiteria ocupou esse endereço até 1958, quando o hotel foi demolido e deu lugar ao edifício Avenida Central. Dalí foi para um sobrado da rua São José, onde serviu suas apreciadas iguarias até o início da década de 1980.

Hoje, apesar de instalada no térreo do moderno edifício Barão de Jaguary, a Leiteria Mineira mantém viva a sua tradição culinária que tem início com um café da manhã, na qual sua fiel clientela pode saborear um mingau de aveia, creme de Maizena, arroz-doce, coalhada e torradas Petrópolis. É um convite delicioso a voltar no tempo de um Rio menos agitado, de uma cidade ocupada por personagens como João do Rio. Mas se a ideia é marcar um programa vespertino, a casa oferece um ótimo chá da tarde. É supimpa!

Segundo João Alberto, um dos administradores da Leiteria e filho de João da Silva Costa — um dos quatro portugueses (os outros foram Gaspar Francisco, Custódio Joaquim de Freitas e Francisco Carneiro) que começaram como empregados na primeira fase da casa e depois passaram a ser proprietários — "o surgimento das leiterias foi iniciativa dos próprios fazendeiros que precisavam de mais formas para escoar a produção do leite. Esse tipo de estabelecimento se espalhou rapidamente pela cidade". Gaspar, de 92 anos, é pai de José Augusto, que junto com João Alberto administra essa terceira fase da Leiteria Mineira. Os dois já estão envolvidos com a casa há 25 anos e João confirma que

essa transição de gerações foi "mais ou menos" planejada. "Eu era funcionário público concursado, mas larguei tudo e vim para cá fazer o que gosto e dar continuidade ao trabalho de meu pai e seus sócios". Gaspar ainda pode ser encontrado todos os dias no restaurante e não se priva de dar suas opiniões na condução do negócio. Geralmente, em defesa da manutenção da tradição, é lógico.

Um pouquinho da história inicial da Leiteria Mineira está estampada na própria parede da casa, onde, numa grande foto, de 1916, a legenda mostra que o precursor dos quatro "patrícios" foi o coronel Antonio Ferreira Monteiro da Silva, da empresa Monteiro & Filho, que trazia parte dos produtos da fábrica Many, em Minas Gerais. Em relação à data de inauguração do estabelecimento, João Alberto confessa que não constam registros oficiais nem na Junta Comercial, que ainda não existia. "Mas temos o registro de um funcionário

**"Nossos garçons são todos muito antigos na casa e conhecem os clientes pelo nome. Temos gente que trabalha aqui há 50 anos. Se aposentam e continuam trabalhando"**

**João Alberto, administrador**

Leiteria Mineira, em 1916

com data de admissão em 1916", explica. No entanto, como o edifício da Galeria Cruzeiro começou a funcionar em 1910, não é difícil imaginar que a leiteria seja dessa mesma época.

Com décadas de reconhecimento, período em que tantos restaurantes já abriram e fecharam as portas no Centro do Rio, é comum que surjam perguntas do tipo: qual o segredo para tanto tempo de sucesso? De acordo com João Alberto, "isso acontece devido a não cedermos aos modismos. Procuramos manter todas as tradições e acreditamos que é isso que mantém nossa fiel clientela. Dentro dessa preocupação com o atendimento personalizado temos um diferencial interessante. Nossos garçons são todos muito antigos na casa e conhecem os clientes pelo nome. Temos gente que trabalha aqui há 50 anos. Se aposentam e continuam trabalhando. Outro ponto é que apesar de termos o cardápio fixo, como qualquer restaurante, também deixamos o cliente 'montar' o seu prato. Não é raro alguém pedir simplesmente um arroz com ovo".

Em tempo de alimentação frugal, os pratos servidos na Leiteria são de sustança. Verdadeiros clássicos que, pouco a pouco, vêm desaparecendo dos restaurantes cariocas, agradam a uma legião de fiéis. No menu variado, podemos encontrar dobradinha à moda do Porto; língua com purê; costelinha de porco, com feijão, arroz e farofa à brasileira; filé à Oswaldo Aranha; carne moída com ovo e arroz; picadinho com quiabo e arroz; frango grelhado com creme de milho; rabada com polenta e agrião; e estrogonofe de carne com arroz e batata sauté.

O carro-chefe, sem dúvida, é canja de galinha. Junto com a coalhada, formam a dupla que nunca faltou na Leiteria. "Acontece de chegar gente e a dobradinha de quarta-feira ou a rabada de sexta já ter acabado. Mas a canja e a coalhada sempre podem ser encontradas em qualquer horário.

Faz parte da tradição da casa. Mesmo antes de acabar, as duas especialidades são permanentemente refeitas."

O lanche da tarde oferece acepipes que também atendem à clientela mais jovem: sanduíche americano, misto quente e milk-shake. Atentos para não perder o bonde da modernidade, mas sem se afastar da tradição, os proprietários da Leiteria anunciam para o próximo ano a criação de um site. "Apesar de nosso sucesso ter sido sempre amparado no boca a boca, e de oferecermos os mesmos produtos durante décadas, não podemos dar as costas aos avanços do mundo moderno. E é isso que vamos colocar em prática nesta nova fase, sem perder jamais o glamour do Rio antigo", conclui João Alberto.

José Augusto (filho do Sr. Gaspar, com 92 anos, sentado) e João Alberto: administradores da Leiteria Mineira

# Sem lenço e sem documento

ensaio fotográfico de

**marcelo carnaval**

# O tatu na toca da semana de 22

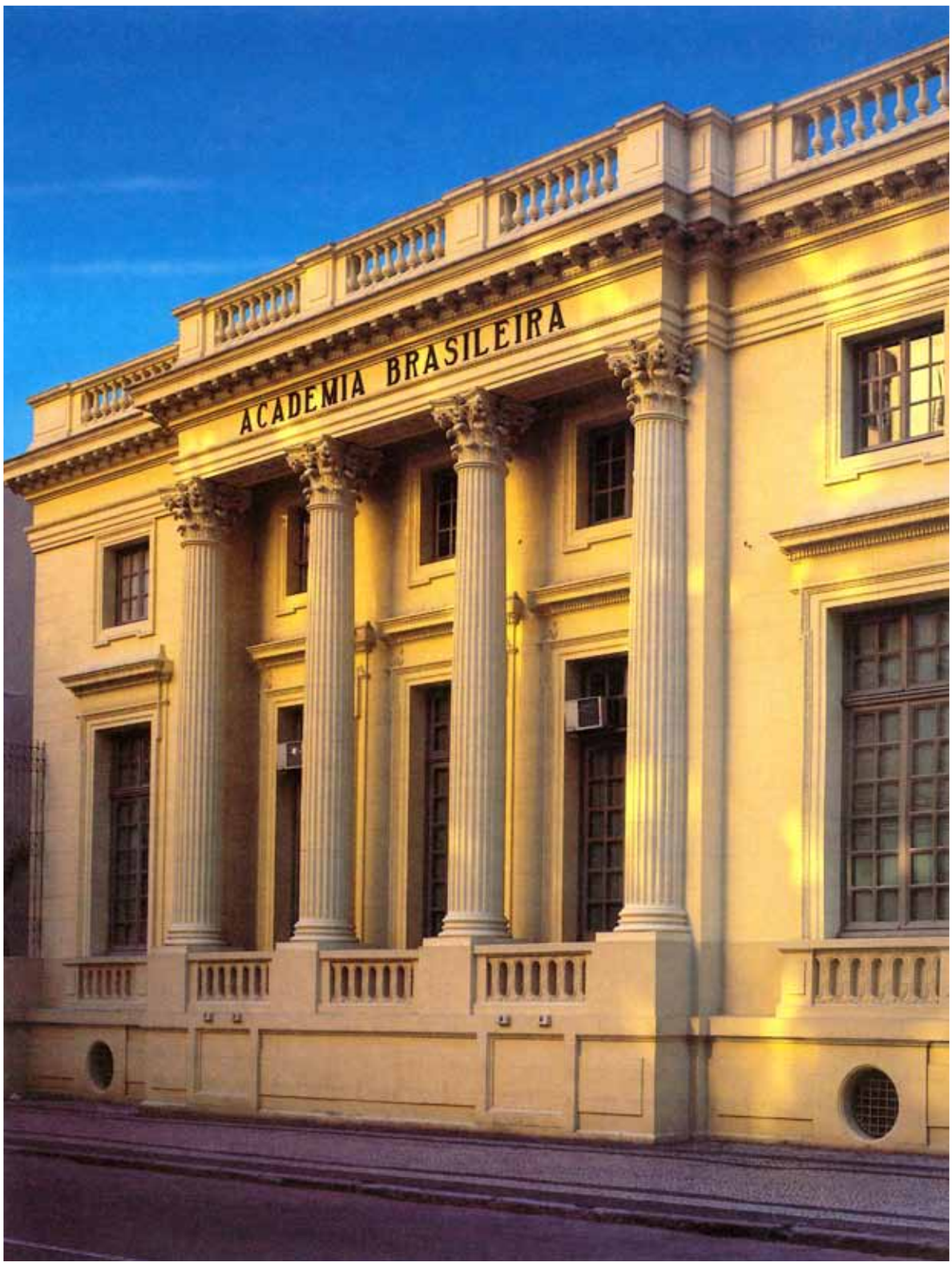
por Verônica Couto

**A Semana de 22, que competou 90 anos, permanece sendo o marco de referência nas implicâncias e bairrismos que, ainda hoje, contrapóe Rio e São Paulo. Essa refrega, hoje já foi bem mais grave a ponto da imprensa do Rio de Janeiro praticamente ter ignoradao o marco do Modernismo. Mas, calma lá! Segundo Leandro Rodrigues, professor de Literatura Brasileira da Universidade Cândido Mendes, o Rio não era só caretice. Nossos modernistas também deram sua contribuição. No final, a Semana de 22 ficou meio paulista mesmo. Entretanto, moderno mesmo, ainda que, naquela época, malocado, é o Rio. Veja a seguir o porque.**

Para explicar o silêncio, o pequisador aponta, além da rivalidade histórica entre as cidades, um modo de ser moderno próprio dos cariocas, que, em vez da ruptura radical, inclinavam-se já a incorporar as inovações à tradição. Segundo ele, o Rio, por ser então capital federal, enfrentou resistência maior às propostas modernistas e contava, por outro lado, com uma potente cultura de rua que dispensava hierarquias e projeto estético organizado, e ainda não era contemplada no programa modernista.

Rodrigues consultou as edições, de um mês antes até um mês depois da Semana, dos jornais *O Paiz*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Brasil*, *O Jornal*, *Jornal do Commercio*, *O Imparcial*,

Manuel Bandeira


ACADEMIA BRASILEIRA

*Correio da Manhã*, *A Manhã*. E as revistas *Fon Fon*, *Don Quixote*, *Revista Ilustrada*, *A Cigarra*, *Para Todos*, *Careta*, *A Lanterna*, *Tagarela*, e a da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (Sbat). O *JB* foi econômico e ainda cometeu um erro: "Começou ontem, em São Paulo, a Semana Futurista, que tem a participação de Mário e Oswald de Andrade e das pintoras Anita Malfatti e Tarsila do Amaral", registrou na seção Outros Estados de sua edição de 14 de fevereiro de 1922. Tarsila do Amaral estava em Paris e não participou das atividades que ocuparam o Theatro Municipal de São Paulo nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro.

A revista *Para Todos*, de linha editorial bem popular nos anos 1920, publicou um pequeno artigo na edição número 166, de 18 de fevereiro: "Teve início, segunda-feira, em São Paulo, a 'Semana de Arte Moderna', bela ideia de Graça Aranha que encontrou, para realizá-la, o patrocínio dos nomes mais eminentes da cultura do Estado exemplar. (...) Graça Aranha disse da emoção na Arte Moderna; Ronald de Carvalho, das últimas tendências da Arte, a propósito das expostas, e da música de Villa-Lobos; e Renato de Almeida falou sobre a Filosofia Moderna no Brasil. A Semana é o grande assunto do alto mundo de São Paulo, e o Teatro Municipal esgota a sua lotação, todas as noites."

Na verdade, conta o pesquisador, a recepção paulistana também não foi entusiasmada e os preços dos camarotes teriam despencado entre o primeiro e o último dia de apresentações. "Segundo alguns relatos, especialmente os do pintor Di Cavalcanti nas suas *Memórias*, a última noite da Semana foi deveras vazia, com discursos dos artistas para uma plateia diminuta e formada, principalmente, por aqueles que organizaram o próprio festival." Um outro erro de informação, Rodrigues observa que Graça Aranha apoiou de fato o evento, mas não foi nem de longe o seu idealizador.

**"O que são as vaidades, meu Deus! Essa gente do Rio nunca perdoará a São Paulo ter tocado o sino. Não falo de você. Você já não é do Rio. Você já é como eu: do Brasil."**

**Mario de Andrade ao amigo Manuel Bandeira**

**"Teve início, segunda-feira, em São Paulo, a 'Semana de Arte Moderna', bela ideia de Graça Aranha"**

**Trecho de artigo publicado na revista *Para Todos***

Em 18 de abril de 1924, o escritor Mário de Andrade, liderança modernista, escreve ao amigo e também poeta Manuel Bandeira queixando-se da indiferença carioca. "O que são as vaidades, meu Deus! Essa gente do Rio nunca perdoará a São Paulo ter tocado o sino. Não falo de você. Você já não é do Rio. Você já é como eu: do Brasil." Bandeira, pernambucano instalado na capital, responde conciliador, mas a tempo de sutilmente acusar os paulistas de provincianos: "Não creia que haja por cá afastamento, indiferentismo pelos artistas de São Paulo. Ao contrário, desde que eles aparecem são prezados e queridos. Haja vista você, inédito e já de reputação feita aqui. O que há é uma dispersão formidável de metrópole. Não há aqui esse aconchego que permite a província. Por isso mesmo reputo São Paulo um ambiente excepcionalmente propício à cultura: perto do Rio e fora do Rio. Não pertencendo nem à Liga Metropolitana nem à Associação Paulista, estou, como pernambucano, qualificado para referir... Já vivi em São Paulo, onde cursei o 1º ano da Escola Politécnica (ia estudar arquitetura) e posso dizer: São Paulo é uma coisa e o Rio é uma mistura de coisas onde também a coisa paulista entra."

A mistura de coisas que era o Rio incluía polos antagônicos. De um lado, os principais representantes da reação; de outro, a cultura boêmia, menos organizada politicamente do que os integrantes da Semana, que estavam empenhados na ruptura radical com o passado. O próprio Manuel Bandeira não esteve presente na Semana de 22, mas mandou para lá o poema *Os sapos*, que foi lido por Ronald de Carvalho, entre vaias e gritos. "Ele não tem uma postura vanguardista, mas já é um mestre do verso livre", diz o pesquisador. "E embora satirize os parnasianos no poema, não rejeita inteiramente as tradições, que eram muito mais fortes no Rio do que em São Paulo."

Graça Aranha na ABL

"No Rio, estavam a Academia Brasileira de Letras, baluarte da defesa do parnasianismo, a Escola Nacional de Belas Artes, que só abandonaria o academicismo na década de 1940, o Centro Dom Vital (dos pensadores católicos), o governo federal", observa Rodrigues, que apresentou o trabalho *Modernismo brasileiro 90 anos: outras vanguardas, neovanguardas e pós-vanguardas* durante o II Seminário Discursos em Interfaces Contemporâneas realizado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) em agosto deste ano.

Figuras parnasianas influentes, como Alberto de Oliveira, estavam vivas e produzindo, e Olavo Bilac, morto em 1918, era ainda uma referência importante, lembra o professor. Do lado moderno, Cecília Meireles, no grupo dos chamados poetas "espiritualistas", posicionava-se mais próxima do neossimbolismo, e Bandeira, com sua postura independente, não estaria disposto ao confronto radical. Na articulação entre os artistas das duas cidades, destaque para Sergio Buarque de Hollanda, que foi representante da *Klaxon* no Rio, publicação que circulou de maio de 1922 a janeiro de 1923 para divulgar as ideias da Semana, e que também lançou, com Prudente de Moraes Neto, a revista *Estética*, com apenas três números de existência.

"Na verdade, todos tinham o objetivo comum de renovar a literatura. Mas no Rio, a perspectiva de incorporar a tradição, como aliás faria afinal o modernismo como um todo, propunha uma renovação gradativa." Na opinão de Rodrigues, embora várias das lideranças modernistas da Semana fossem comunistas — como Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral (que estava em Paris esticando viagem feita para expor na Rússia, a convite do Comitê Central do partido) —, o movimento tinha traços marcantes do avanço industrial paulista. "O modernismo em São Paulo estava diretamente ligado à noção de desenvolvimentismo *à la* Indústrias Matarazzo, isto é, no

fortalecimento das bases do capitalismo e sua consequente transformação urbana e humana via prédios, costumes, fábricas, exposições, enfim, numa espécie de crescimento capilar das benesses do sistema, ainda que tais glórias fossem para poucos, especialmente para uma burguesia indecisa entre a tradicional família cafeeira e a modernização vinda de Paris." Já o Rio assumiu, diz ele, "a sua *belle époque*, e ser moderno passava, necessariamente, pelas discussões na Confeitaria Colombo, pela cultura *outsider* do Carnaval, pela semântica da rua, da avenida, do morro, da Cinelândia, ou seja, num complexo processo fora da lógica devoradora do mercado".

Nas ruas do Rio, ao longo dos anos 1920, o samba maxixado das festas da casa da Tia Ciata vai mudando de cadência, para acompanhar as necessidades rítmicas das escolas e dos blocos que dançavam na rua, e ganhando irreverência - no elogio rasgado da boemia e da malandragem. Noel Rosa seria figura "paradigmática" dessa segunda geração de sambistas, em que também pontifica Ismael Silva, capazes de incorporar o processo de modernização do cotidiano da cidade. "Apesar de reconhecidamente boêmio e de não ter contato com a intelligentsia modernista, ele se destaca, entre os compositores de sua geração, por combinar a utilização do modelo coloquial sugerido pelos modernistas com o vocabulário vulgar das camadas populares e as expressões ingênuas e provincianas da vida suburbana", escreveu a antropóloga Santuza Cambraia Naves, no livro *Canção popular no Brasil* (Editora Civilização Brasileira). "Outro aspecto a ser considerado é que Noel não se limitou a tematizar a vida urbana; atuou também no sentido de conformar a linguagem musical à modernização emergente." Ou seja, com "uma estética contida, avesso ao excesso estilístico, que exige arranjos mais simples, com o concurso de poucos instrumentos e maneira intimista de interpretar as canções."

De acordo com o professor da Cândido Mendes, no momento da Semana de 22, os acadêmicos e literatos ainda não davam ao samba o valor cultural que ganharia na década seguinte. "Embora Lima Barreto, em *O triste fim de Policarpo Quaresma*, em 1911, já fizesse uma defesa intransigente dessa cultura popular, por meio do personagem Ricardo Coração dos Outros, um cantador de modinhas do subúrbio carioca por quem o major Quaresma se encanta." No caso dos modernistas, o Carnaval de 1924 iria conciliar Mário de Andrade com o Rio. Sobre a experiência — que o fez deixar o amigo Bandeira esperando em vão sua visita a Petrópolis —, ele escreve no mesmo ano o poema *Carnaval carioca*. Em resumo, para Rodrigues, o silêncio da imprensa carioca traduziu tanto as dificuldades de superação da tradição quanto as diferenças de estratégias de abordagem da transformação, que já avançavam nas duas cidades e iriam, afinal, espalhar-se pelo país.

**O prédio da ABL, réplica do Petit Trianon, de Versailles**

# Arnaldo virou manchete

POR MÔNICA SINELLI

**Cronista, escritor, botafoguense, ciclista, músico, twitteiro, leitor voraz de psicanálise, tudo junto e misturado. A ordem dos fatores não importa: o bom é ficar ao sabor das histórias que ele conta, temperadas por poesia, reflexão e humor. E cheirando a tintas de rotativas mescladas à inspiradora maresia noturna. Com o DNA da imprensa, Arnaldo Bloch é escriba com escalação garantida no escrete dos colunistas nacionais.**

No perfil de seu blog, Arnaldo Bloch não declina o signo que lhe cabe no zodíaco, por "informação irrelevante". Mas a data de aniversário, 20 de abril, revela um legítimo ariano, nascido numa família que é sinônimo de jornalismo no Brasil. A vida na imprensa desse alvinegro, que veio à Terra no bairro do Flamengo, criado entre Laranjeiras e Copacabana, inaugurou-se cedo. E bota cedo nisso: mais precisamente com um ano de idade, posou, nu em pelo, para a capa de *Manchete*. Ainda menino, já circulava nas redações e no parque gráfico da revista, na qual começaria a trabalhar como repórter em 1987.

Ele reconstitui: "Guardo lembranças de cheiro de tinta, químicos e papel, uma concretude que também acontecia quando eu visitava a redação e lidava com laudas, máquinas de escrever, cinzas de cigarro, madeira e mármore, fotos em slide projetadas em layouts de papel na parede. Essa concretude é algo que não se encontra mais no ofício do jornalismo. Quando comecei a trabalhar em *Manchete*, ainda existiam as laudas e todos esses elementos, de modo que pude testemunhar a transição para a era da informática. Naquele tempo, muitos dos nomes gloriosos que tinham passado pela empresa já haviam morrido, mas outros ainda estavam lá: Carlos Heitor Cony, Roberto Muggiati, Ney Bianchi, Roberto Barreira, Renato Sérgio, Indalécio Wanderley, Gervásio Batista, Gil Pinheiro e, claro, a mais excêntrica e cinematográfica de todas as figuras que conheci, Adolpho Bloch."

**Outras teclas: musas sonoras**

Antes, porém, na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), chegou a montar a banda de rock O Nome do Grupo, em que tocava sax, ao lado do futuro humorista Bussunda. "Sempre namorei com a música, paralelamente à escrita, desde a adolescência – reporta. O Nome do Grupo foi uma mistura de anseios artísticos com puro

"Acho Copacabana a capital do mundo, e sua curva à noite vista do Posto 6 remete a tempos imemoriais"

Com Seedorf, jorgador do Botafogo.

desbunde universitário. Fizemos muita música entre o amadorismo e lampejos de talento, mas não chegamos a gravar um disco. Na época, não havia tantas facilidades e não éramos estruturados o suficiente para vencer o funil das rádios e gravadoras. Quando terminou a faculdade, fui trabalhar em *Manchete*, cortei o cabelo, essas coisas. Mas continuo, até hoje, fazendo música, estudando violão e piano, que hoje é a minha grande fissura."

Entre 1991 e 1993, Arnaldo atuou como correspondente da Bloch Editores na capital francesa. "Qualquer experiência em Paris, uma cidade em que cada esquina soa história, é exuberante, plena de êxtases, melancolias, insights. Fui correspondente e representante da empresa num tempo em que não havia mais um escritório (chegou a funcionar à Place de La Concorde, com 15 funcionários e estúdio de moda). Cheguei para substituir o lendário Sílvio Silveira, que Adolpho descobrira como clarinetista de uma orquestra e que fora o homem de *Manchete* por décadas. Quando faleceu, era apenas ele, num pequeno quarto. Foi nessa condição que assumi o posto,

o que me impôs a necessidade de disciplina em meio ao caos mental que é descobrir-se na Europa", relembra.

### ÉPICO FAMILIAR

De volta ao Brasil em 1993, ingressou no *Globo*, no qual foi foi editor do caderno Boa Chance, chefe de redação da sucursal de São Paulo, editor do Segundo Caderno e repórter especial. Hoje, assina uma coluna aos sábados — ilustrada por ele próprio —, com forte sabor poético e traços de humor, por vezes melancólico, sendo responsável também pelas seções Logo/A Página Móvel no jornal e Logo+, na versão virtual. É autor de cinco livros, entre os quais Os *irmãos Karamabloch — Ascensão e queda de um império familiar* (Cia. das Letras, 2008), em que narra a epopeia de seu avô e tios-avós, tomando emprestado um termo inventado pelo escritor Otto Lara Resende para denominar os irmãos Arnaldo, Bóris e Adolpho Bloch, numa alusão aos Karamazov de Dostoiévski. Nele, descreve a trajetória do clã que aportou no Brasil, vindo da Ucrânia, em 1922, fugindo às perseguições da Primeira Guerra. E relata como a pequena gráfica montada pelo patriarca Joseph se transformou, pelas mãos de seus filhos, especialmente Adolpho, num poderoso conglomerado de comunicações, até ter a falência decretada, em 2000.

No caminho entre as linguagens jornalística e literária, Arnaldo reflete: "Essa interconexão é usual na história da escrita brasileira, como bem mostra o livro *Pena de Aluguel*, de Cristiane Costa, que revela que todos os escritores brasileiros andaram nas páginas de jornal, e boa parte dos jornalistas aventurou-se nas letras. Acho que jornalismo e livros (sejam de ficção ou não) são esferas do fazer literário que se alimentam. Num sentido mais prático, o aprendizado da edição de textos me deu um poder de síntese que em muito ajudou quando passei a trabalhar com o excesso de material na escrita de um livro."

> "O Leblon, onde moro, é um canto que guarda ainda uma atmosfera de pequena cidade, como o Leme e a Urca"

### SÓ EU E O MAR

Após lançar *O ciclista da madrugada e outras crônicas* (Record), em 2009, ele vem se dedicando nos últimos anos ao seu próximo livro de ficção, em fase de conclusão. Em paralelo, entrega-se ao lado leitor — muita psicanálise, alguma filosofia e Guimarães Rosa, Thomas Mann e Carlos Heitor Cony, na tríade de preferências. Vivencia o amor pelo Botafogo ("uma contingência existencial que exerço de maneira errática") e pedala na praia ("sempre que posso, de madrugada, só eu e o mar").

Ele arremata: "Acho Copacabana a capital do mundo, e sua curva à noite vista do Posto 6 remete a tempos imemoriais. Sinto emoções fortes em vários locais da cidade e me orgulho do Centro, que conseguimos revitalizar. Conheço menos a Zona Norte do que gostaria e tenho problemas com a Barra. O Leblon, onde moro, é um canto que guarda ainda uma atmosfera de pequena cidade, como o Leme e a Urca, embora, creio, essa promoção seja por tempo determinado. Sou por todos os tombamentos."

# Para bagunçar o coreto

por Veronica Couto

**Próximos a igrejas ou clubes, no centro da praça nos subúrbios ou na zona sul, em pontos centrais da cidade, os coretos foram feitos para receber a música, a banda, a festa. Ganharam papel político, como palco para comícios ou manifestações de protesto, enfrentaram tempos de abandono e decadência, e ressurgiram. Há quase um século do seu apogeu, nas comemorações populares do início do século 20, são agora restaurados como aliados do carioca disposto a retomar o espaço da rua.**

Os coretos tiveram grande popularidade no século 19, em jardins europeus, embalados pelos ideais de igualdade da Revolução Francesa, que pretendiam levar a cultura para o povo, na rua. No Rio de Janeiro, surgem no governo de Pereira Passos (1902 e 1906), inicialmente em ferro, com "saias" e rebordados inspirados no estilo vindo da França. O primeiro coreto carioca foi inaugurado em 21 de junho de 1903, na praça XV de Novembro, no Centro, com um concerto da Banda de Música da Marinha do Brasil, segundo a pesquisadora e arquiteta Vera Dias. Financiado pela Companhia de Carris Urbanos, foi transferido em 1949 para a praça Washington Luiz, em Sepetiba, marco da chegada da luz elétrica no bairro. Dessa vez, além de músicos, ocuparam o coreto os políticos — os reais e os da ficção. Ali discursou muitas vezes Odorico Paraguassu, prefeito de Sucupira, a cidade inventada da novela *O bem-amado*, de Dias Gomes, em 1973.

O Rio de Janeiro tem atualmente 15 coretos, dos quais 11 tombados pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, afirma Vera. Entre eles, o primeiro de todos, em Sepetiba; e o do Campo de São Cristóvão, de 1906, o maior dos coretos da cidade, construído com material importado da Europa. Também está na lista o Pagode Chinês, de 1910, na Quinta da Boa Vista. Foi projetado pelo arquiteto Paulo Villon em estilo semelhante ao da Vista Chinesa, no Parque Nacional da Tijuca,

Praça São Salvador, Laranjeiras

Jardim do Méier

São Cristóvão

de 1903, reproduzindo troncos de bambu em argamassa. Outro coreto de destaque, segundo a pesquisadora, foi erguido com ferro em 1911 na praça Saens Peña. A construção da estação de metrô provocou sua transferência em 1977 para a praça Catolé do Rocha, no bairro de Vigário Geral, onde ele ainda está.

Os coretos foram lugares nobres, de imenso prestígio. Do *Jornal do Comércio* de 19 de julho de 1880, o poeta Manuel Bandeira recolheu a descrição dos festejos realizados na cidade para saudar o retorno do compositor Carlos Gomes ao país. Em *Crônicas da Província do Brasil*, escreve: "(...) A cada passo o cortejo parava para que se prestasse ao maestro uma homenagem. (...) Vão tomando nota. No Largo de S. Francisco havia vistoso coreto. O maestro Mesquita empunhou a batuta, a orquestra exe-

**"O coreto de Quintino ainda é o centro das atividades de carnaval. E no Meier o coreto foi a base para pregação do pastor que deu origem à Igreja Universal do Reino de Deus"**

**Vera Dias, pesquisadora e arquiteta**

Vigário Geral

**Muitos coretos, contudo, como o do Largo de S. Francisco, não sobreviveram ao tempo. Sabe-se que havia coreto na Praia de Botafogo, no Grajaú, na Glória**

cutou a *ouverture d' O Guarani*, o Sr. estudante Paula Ney soltou o verbo, entregando a carta de liberdade do alforriando Lino ao maestro, que a passou ao escravo, abraçando-o com lágrimas nos olhos. Então as bandas militares tocaram o Hino Nacional. E o cortejo prosseguiu pela Rua do Teatro, Largo do Rocio e Rua Visconde do Rio Branco, sempre debaixo de vivas ovações. (...) E à noite as principais ruas e muitos estabelecimentos iluminaram-se festivamente. No coreto do Largo de S. Francisco uma banda tocava. Parecia uma data nacional.(...)"

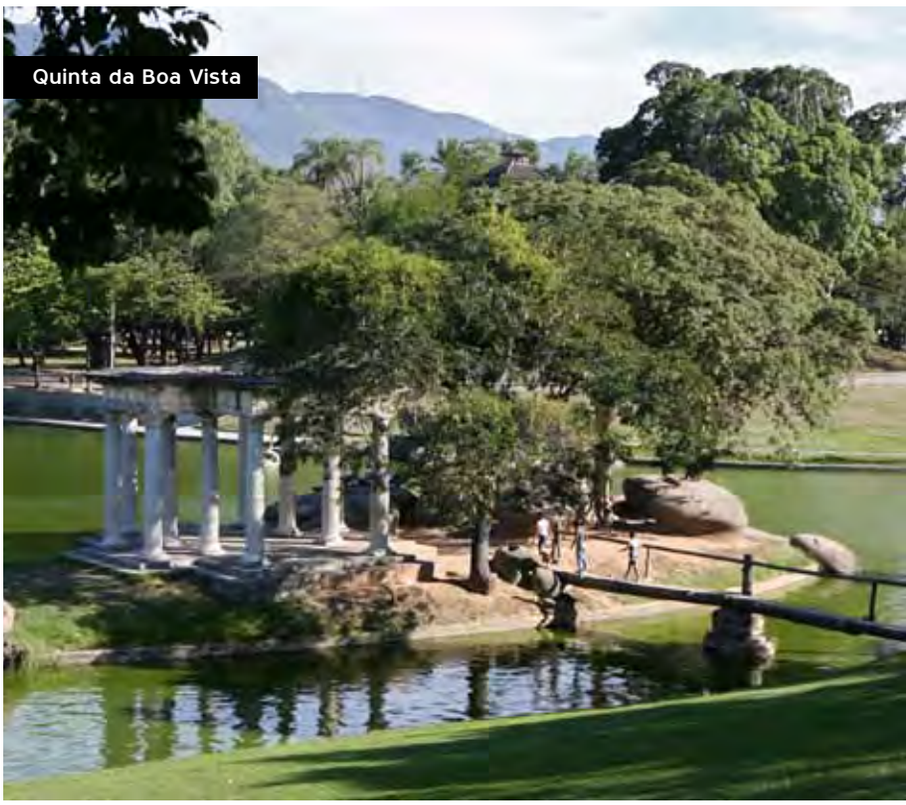
Muitos coretos, contudo, como o do largo de

Praça Seca

S. Francisco, não sobreviveram ao tempo. Sabe-se que havia coreto na praia de Botafogo, no Grajaú, na Glória... Um modelo de argamassa foi construído na praça Afonso Viseu, no Alto da Boa Vista, em abril de 1903, para a realização de concertos populares, depois desmontado sem que se saiba quando nem por quê. O primeiro golpe na popularidade deles veio com a disseminação do rádio, entre os anos 1930 e 1940. A música saiu da rua para as casas e os auditórios, explica Vera. Outra onda de esvaziamento dos coretos, diz ela, pode ter sido provocada pela ditadura militar, entre os anos 1960 e 1970, uma vez que eles se mostraram ótimos pontos de reverberação política, palco natural para comícios, discursos e manifestações.

Alguns não caíram, mas foram deslocados para áreas de subúrbio ou para regiões com menos opções de cultura ou lazer. "Os coretos dos subúrbios resistiram mais. Até hoje, as rádios locais transmitem informação em praça pública", conta Vera. "O coreto de Quintino ainda é o centro das atividades de carnaval. E, no Méier, o coreto foi a base para pregação do pastor que deu origem à Igreja Universal do Reino de Deus." Uma retomada discreta dos coretos ocorreu na

Quintino


Quinta da Boa Vista

primeira metade da década de 1980. Naquele ano, um exemplar de concreto é inaugurado na praça São Roque, na ilha de Paquetá, onde está a capela dedicada ao santo do mesmo nome e padroeiro da ilha.

Todos os coretos criados até 1985 foram tombados. Os mais recentes — instalados na Barrinha, na praça Desembargador Araujo Jorge; na praça H, no Sulacap; na praça Coronel Assunção, ou Harmonia, no bairro da Gamboa; e o da praça São Salvador — não fazem parte do patrimônio histórico, mas, sim, afetivo da cidade. Na São Salvador, em Laranjeiras, tornou-se centro de rodas de samba, choro, marchas, que reúne foliões durante todo o ano e lota a praça no carnaval.

De acordo com Vera, há quatro tipos principais de coretos: de ferro — os mais antigos; de madeira (como o do Méier); de argamassa; e de concreto — os mais novos. Estes mais recentes também não costumam ter elevação do solo. Os coretos tradicionais contavam com embasamento de 1 metro a 1,5 metro, de modo a aproveitar o espaço sob o piso para guardar os instrumentos dos músicos. Uma exceção é o coreto da praça H, no Jardim Sulacap. Próximo a duas quadras de futebol, o coreto foi criado para abrigar vestiário (sob o piso) e uma estrutura de vigilância para o local. "É importante estimular o uso dos coretos, para preservá-los", destaca Vera. Uma ação nessa direção é o Concurso de Coretos, que desde 1972 premia as decorações de carnaval mais bonitas e criativas. Faz lembrar os primeiros anos do século 20, quando os moradores disputavam a atenção dos corsos e sociedades carnavalescas da cidade — que iam aos bairros considerados mais animados e bonitos pelos carnavalescos. Ter coreto contava ponto, informa o historiador Felipe Ferreira, na edição nº 16, de fevereiro de 2005, da revista *História Viva*.

Praça da Harmonia, Gamboa

# O dono da bola

**Marcio Fortes de Almeida**

**Advogado, diplomata, ex-ministro das Cidades e atual presidente da Autoridade Pública Olímpica (APO)**

Sou um carioca genuíno, nasci na Urca, pertinho do Pão de Açúcar. Mais carioca impossível. Fiz meus primeiros estudos no Instituto de Educação, até meu pai ser transferido para o Recife, durante a Segunda Guerra. Peguei um Ita — aqueles navios que os alemães bombardeavam — e posso me considerar um sobrevivente de guerra (risos). Voltamos ao Rio e, mais uma vez, meu pai foi transferido, dessa vez para o Paraguai. De volta ao Rio, fui para o Colégio Militar. Ainda morei três anos em Madri e vivi na ponte aérea Rio-Brasília por cerca de 13 anos, mas sempre voltei para cá. A cidade é a minha paixão e guardo lembranças maravilhosas ao longo de minha vida. Estive, por exemplo, na inauguração do Maracanã. Sofri no final da Copa do Mundo, mas também tive muitas alegrias. Vi a seleção brasileira derrotar o México por 4 x 0 e a Espanha por 6 x 1. Duvido que hoje a seleção repita esses feitos. Também acompanhei a construção do Aterro do Flamengo. Imagine que em meio à confusão das obras foi realizado o Congresso Eucarístico Internacional. Isso me vem à memória porque vamos receber o Papa em 2013.

Estive presente, no Maracanãzinho, quando o Brasil foi campeão da Copa do Mundo de Basquete. Eu sempre gostei de esportes. Comecei assistindo, depois passei a praticar. No Colégio Militar, corria mil metros e nadava para competir no Fluminense e, claro, adorava jogar futebol. Fui peladeiro. Há quem fale mal de mim, dizendo que eu não jogava futebol, mas que assistia ao jogo de dentro do campo. Para se ter uma ideia, eu e um grupo de amigos construímos uns quatro campos em sítios. Ainda hoje temos o campo lá dentro da Ibrata (pedreira de Vargem Grande). Eu parei de jogar em 2004, não tenho mais tempo. Eram 33 km da minha casa, no Leblon, até Vargem Grande. E era lateral esquerdo ou direta. A primeira vez que o jogador Branco apareceu para jogar de ponta esquerda, eu falei: disso aqui eu entendo! Ele foi lá para frente e deu três chutes a gol, aqueles petardos. E eu disse: volta para cá! Há algum tempo me dedico só a ver o Fluminense jogar. Já estivemos na segunda e terceira divisão, paciência, mas depois subimos de novo.

Além dos esportes, adoro música. Sou formado pela Escola Nacional de Música, em piano, mas hoje não me atrevo a dizer que toco. Para tocar, é preciso estudar, pelo menos, cinco horas por dia. No Colégio Militar, numa turma acima da minha, tive um colega que seguiu a carreira de pianista, o brilhante Arthur Moreira Lima, que tirou o primeiro lugar do concurso internacional de piano, em 1958. Hoje só toco música popular, onde posso improvisar e ninguém vai ficar me cobrando.

As minhas lembranças do Rio são muitas e, desde pequeno, sempre gostei de percorrer a cidade, de bonde, de lotação ou de bicicleta. E quando havia os passeios noturnos de bicicleta, às terças-feiras, sempre estava lá, com meus filhos. Hoje prefiro caminhar na orla.

.COM.BR

nbs

# NA OI VOCÊ TEM PLANOS COM SMARTPHONES QUE PODEM ATÉ SAIR DE GRAÇA.

A OPERADORA QUE MAIS CRESCE EM CLIENTES PÓS-PAGOS DO BRASIL TROUXE MAIS UMA VANTAGEM PRA VOCÊ.

Samsung Galaxy SIII

Motorola RAZR i

iPhone 4S

Samsung Galaxy Note II

E MAIS:

Ganhe 50% de desconto no Oi Velox 3G + minimodem grátis.

LIGAÇÃO + INTERNET + WI-FI

**Vá a uma loja Oi ou acesse oi.com.br/monteseuplano**

ções válidas para atuais e novos clientes que preferencialmente apresentarem 2 contas pagas de serviços indicados no regulamento para adesão à oferta, e oferta Oi Velox 3G válida para clientes Pós-Pagos da Oi (de todo o território nacional) que aderirem a um plano Oi Velox 3G em qualquer ia, no período de 14/11/2012 a 04/02/2013. Os clientes terão direito aos seguintes benefícios: ligações locais ilimitadas originadas pelo cliente Oi Móvel e destinadas a um número Oi Móvel ou fixo de mesmo DDD onde a chamada é originada (estas chamadas não serão descontadas da franquia de os contratada) + Plano Oi Dados com franquia mensal de 200 MB (para titular do plano) + serviço Oi WiFi. Plano Oi Dados com velocidade de até 1 Mbps, até o limite da franquia contratada. Após, a velocidade é reduzida até 150 Kbps. A velocidade está sujeita a oscilações e variações decorrentes ores externos à rede da prestadora. A oferta com desconto implica fidelidade por 12 meses. Tendo em vista o desconto oferecido no aparelho, se, em até 12 (doze) meses da adesão à oferta, houver, por parte do cliente, solicitação de cancelamento do plano de voz contratado, migração para um plano r ou troca de titularidade, o cliente deverá pagar multa no valor do desconto do plano e referente aos descontos concedidos na franquia mensal e no subsídio ao minimodem proporcional ao período que faltar para completar 12 (doze) meses, perdendo, ainda, imediatamente, o direito aos benefícios oferta. A imagem do aparelho é meramente ilustrativa e está sujeita a disponibilidade do estoque. Confira os termos e condições em oi.com.br. *A Oi teve um crescimento de 34% da Base Pós-Pago + Controle em 2012, com base em dados públicos divulgados pela Anatel (referência Out./12).*

# Sua vida está dentro do celular. Sua carteirinha do seguro-saúde não poderia ficar de fora.

**Chegou o aplicativo SulAmérica Saúde.**

Com ele você não precisa mais da carteirinha plástica e sua identificação pode ser feita de maneira virtual. Além disso, você tem acesso a todas as informações sobre os 22 mil hospitais, clínicas e laboratórios da rede referenciada da SulAmérica Saúde em qualquer lugar através do smartphone.

Você também pode consultar:

- Cartão de Identificação Digital para atendimento na rede referenciada.
- Hospitais, clínicas e laboratórios referenciados por geolocalização.
- Localização da rede referenciada mais próxima.
- Dados cadastrais e valores de reembolso.
- Telefones dos canais de atendimento.

Baixe grátis na sua loja de aplicativos iPhone ou Android. Se preferir, faça já o download pelo QR Code.

**Se aborrecer pra quê?**

**SulAmérica**
associada ao ING

sulamerica.com.br